







# Escalada nas Olimpíadas: Um sonho?



André Berezoski I SF

As Olimpíadas de Londres 2012 chegam ao fim, com um show a parte de organização, uma demonstração ainda maior dos atletas, com exemplos de que o ouro pode estar nos esportes menos difundidos e menos apoiados dentro do país do futebol. Vide o ouro inédito para o ginasta paulista que faturou na modalidade Argolas, e o Judô, de uma menina lá do Piauí. Com a escalada não seria diferente, obviamente um pódio olímpico é um longo caminho a ser percorrido, que deve passar por boas colocações dentro dos pan-americanos e mundiais, mas assim como existe o sonho olímpico que paira por todos os esportes como o ápice absoluto para cada atleta, nosso sonho continua no rumo correto.

No mês onde o esporte é o assunto em destaque, é no mínimo hilário, como tudo que pensamos em relação aos esportes no Brasil, se resumem em inúmeras e simples charges, seja nos jornais ou no facebook, retratando uma cena típica da realidade esportiva nacional, em meio a tantas falcatruas, denúncias e julgamentos de políticos, que todos sabemos que não vai dar em nada, fica a triste constatação de que parte dos recursos que o país arrecada (que não é pouco), grande, ou a maior parcela vai para o futebol e carnaval, outra para bolsos corruptos e uma pequena fatia para "esportes olímpicos". E o que sobra, e que ainda sim seria muito, se

perde em meio a "projetos sociais e esportivos", que por sua vez também são investigados. O fato é que quando qualquer entidade ou Federação apresenta algum tipo de projeto ou pedido de recursos para desenvolvimento em pró do esporte, é sempre a mesma ladainha com voz séria e quase dá uma certa dó 'veia bem. estamos sem verba", ainda assim. os atletas bancam do bolso, treinam, se classificam, bancam mais uma vez para estarem presentes nas Olímpiadas, e quando conquistam o ouro, para o povo brasileiro é um motivo de orgulho inexplicável, já para os órgãos governamentais que não fizeram absolutamente nada, é o momento de se vangloriarem e arrecadarem mais votos, e encher a boca para dizer que a medalha é do Brasil (deles, é claro), chega a ser uma comédia, mas é a triste realidade, e como se isso não bastasse, a cobertura da mídia, que por muitas vezes prefere dar preferência em divulgar qual a cor da cueca que o Neymar usa, ao invés de cobrir um Campeonato Brasileiro de Boulder ou outra modalidade ou esporte que não seja futebol, esta mesma mídia, vem pra desmoralizar atletas que deram tudo na luta pelo ouro, mas que infelizmente não veio, e a chamada é feita em destaque "Decepção Brasileira nas Olimpíadas". Os caras não têm a menor noção de quanto uma frase dessas impacta quem está na luta há anos.

Agora, onde a escalada entra nesta história toda? Simples, a luta do IFSC para tentar colocar a escalada em 2020 é gigantesca e sem precedentes na história, e assim como ela luta para tal, aqui a luta não tem nem adversário, uma vez que jà é fato consumado que verba para ajudar a CBME ou qualquer outro órgão ligado à escalada não vai surgir tão cedo, digase verba destinada à escalada de competição focando em 2020, algo bem diferente em to-

dos os outros esportes e em outros países, como China e EUA, onde o foco em preparar toda uma nova geração de atletas já é destinado para daqui a 2 edições olímpicas à frente, e que, com certeza, mesmo sem a confirmação da escalada inserida nos jogos olímpicos, os países onde a escalada já é tradição já traçaam seus planos e objetivos destinados a escalada de competição. Á luta do IFSC pela inserção da escalada é tão grande, que dois Campeonatos Mundiais, que geralmente se realizam de dois em dois anos, dessa vez acontecerão seguidamente, um foi no ano passado em Arco. Itália, e outro agora em setembro em Paris. Já por aqui, tudo funciona ao clássico estilo do "ieitinho brasileiro" de deixar tudo para a última hora, e se por um acaso vier a acontecer a introdução da escalada, como será a organização nacional para tentar levar uma equipe brasileira para os jogos? Mas não vamos nos preocupar, não é? O Brasil tem verba suficiente, falta muito tempo ainda, a escalada nacional está em um nível competitivo para subir ao pódio. todos os atletas já são profissionais e se dedicam 24 horas por dia para trazer o ouro para o Brasil todos estão bem patrocinados com salários quase equivalentes aos do futebol, está tudo certo então, só nos resta esperar que venha o RIO em 2016, que logo 2020 estará ai, temos tempo de sobra, figuemos tranquilos, seria bom que fosse realidade, mas não é,e assim vai continuar a ser retratado o esporte no Brasil em forma de charges e comédias sem valor sólido para que algo mude neste país.

Assim que apareceu a notícia da possibilidade da escalada estar nas olímpiadas, um escalador europeu que vive a escalada há muitos anos, descreveu da seguinte forma: "Sinceramente, não sei se isso pode ser uma alavancada da escalada ou trará problemas que até então não existiam dentro do meio, perdendo muito da es-

sência das raízes da montanha", após Londres podemos perceber que isso realmente pode acontecer, a falta de apoio dos pequenos se torna um desafio enorme para estarem lá, as brigas entre atletas x Federações se intensifica. atletas só recebem o merecido reconhecimento e patrocínios se forem ouro, claro, que empresa não que estar exposta na camiseta de um medalhista olímpico, assim que ele retorne ao Brasil com o ouro e dando entrevista na Ana Maria Braga? Assim fica mais fácil e mais barato, e o antes? O caminho, e todas as dificuldades que todos enfrentaram? Isso só tem valor pra mídia no pós-medalha de ouro, já quem não chegou ao pódio, ou vai voltar ao anonimato, ou pior corre o risco de ser criticado e ter que dar satisfações humilhantes perante a mídia. Será que é este tipo de situação que a escalada está prestes a ter que enfrentar? Pelo visto sim, e com uma carga de responsabilidade cada dia maior, uma vez que os meios de comunicação são cada vez mais velozes, críticos e sem mui-ta noção da realidade de um atleta, e alcança muita gente, e a cobrança vem com juros e moratória, e quando todo o "frenesi" dos jogos acabar, no dia seguinte, a mídia vai voltar seu foco para qual a cor da cueca que o Neymar usou no dia da derrota no futebol olímpico, isso sim é esporte no Brasil.

O que vale realmente para um atleta é sua determinação, independentemente de apoio ou não, sempre vamos "se virar nos 30" para tentar estar presente onde nossos sonhos e treinos nos levarem, dificuldades, conquistas, ou derrotas a parte, o sonho olímpico é algo que fascinae move todo atleta, quem já vivenciou isso, garante que é um evento absoluto e inesquecível, quem ainda não, alimenta esta esperance.



O

# Internacional



Everest, Gelo, Quem de nós escaladores nunca leu um livro sobre Chomolumgma? Eu contabilizo muitas e muitas leituras desde meus 13 anos sobre essa incrível escalada. Desde cedo ouvimos sobre George Mallory, Andrew Irvine, Tenzing Norgay, Scott Fischer, Reinhold Messner, Anatoli Boukreey e centenas de heróis que hae mítico topo do mundo. Mas é bem verdade que o universo da escalada esportiva é bem diferente, e em nosso dia a dia talvez seja mais provável estarmos envolvidos com as grandes conquistas da rocha, as competições, as novas vias, os eventos, talvez mais acessíveis a nós

O curioso é quando uma escaladora a quem estamos acostumados a acompanhar em locais Emily figura entre os nomes femininos de maior

NA BIVAK VOCÊ ENCONTRA

Ambiente descontraído

Suporte técnico

As melhores marcas

Assistência personalizada

Mais que uma loja de equipamentos outdoor

Boulder, Colorado, começou a escalar já como de companheirismo, humildade e medo. parte do time júnior americano em 1998 passan- Abaixo, as palavras de Emily Harrington. do para o Adulto em 2004. Em 2007 Emily tornouse a segunda mulher americana a escalar 5.14 O Everest não é supostamente uma montanha e o terminou o Campeonato Mundial de Escalada difícil de escalar. "Escalada" não é geralmente em segundo lugar em 2005.

Emily obteve destague na rocha obtendo as pri- É o que eu ouvia ao longo de todos esses anos meiras ascensões femininas de Roadside de escalada esportiva. Crescer em uma comuum festival, 16th Ouray Ice Festival, onde con- interessado em aprender sobre. Quando as seguiu o terceiro lugar escalando uma difícil via pessoas me perguntayam se eu sonhaya em e deixando pra trás competidoras experientes. escalar o Everest, eu maliciosamente respon-Simpática e comunicativa, de cabelos curtos e dia "Hum, não. Isso não é o tipo de escalada loiros e delicados olhos azuis. Emily também é que eu faco". vens e adultos ao mundo outdoor.

como Ceuse, Boulder, China e Oliana na Espanha, dessa recente expedição ao Everest através ticularidades e de tudo ao qual passei a fazer resolve se aventurar em uma equipe nas montade seus patrocinadores, blogues pessoais e ainparte. nhas geladas do Himalaia. Foi o que fez a apa- da escrevendo para os principais sites de notí- Everest é um lugar polêmico por si só, tanto rentemente frágil e delicada Emily Harrington. cias americanos e clubes. Um desses veículos pelo perigo real quanto ao demasiado ego e bro daquelas pequenas frações de segundo e reproduziu uma entrevista interessante de suas preocupação com críticas e todo a auto crítica

e-commerce: www.bivak.com.br

Metrô Praça da Árvore, São Paulo

11 2308 6995

Rua Caramuru, 523

expressão na escalada em rocha. Nascida em principais lições na montanha, reflexões acerca pessoa totalmente diferente de quando eu saí.

o termo utilizado para subir o cume do pico Como se não bastasse suas conquistas indoor. mais alto do mundo. "É só andar. Não é difícil". Prophet (5.14a) e Living the Dream (5.14a) em nidade de escaladores e tornar-me uma Rifle, CO, também Full Equip (5.14a) em Oliana, escaladora me deu uma perspectiva única para Spain. Mas de gelo somente a experiência em um lugar que eu nunca tinha visitado ou me

excelente no quesito divulgação do esporte, por Bem, agora estou engolindo minha própria arseu carisma e inteligência: além de atleta é gra-rogância ao ter dito isso, pois acabo de particibitaram nossas histórias sobre este encantador duada em Relações Internacionais e ainda re- par de uma viagem ao Everest esse ano. Recepresentou o Acess Fund como embaixadora io- bi o convite inesperado de um dos meus patrovem até 2006, sendo parte hoie da International cinadores, que me pediu para fazer parte da Federation for Sport Climbing (IFSC) onde além equipe. Na hora pensei que poderia ser uma de atuar em todos os processos competitivos, oportunidade única em toda minha vida e não sejam eles nível júnior ou adulto, participa da hesitei em responder que sim. Eu tinha pouco preservação e manutenção das áreas de esca- conhecimento do mundo de escalada alpina e lada, além de inspirar fortemente crianças, io- zero de experiência em montanhismo de altitude Fainda uma visão muito distorcida da sin-Emily compartilhou suas experiências e licões qularidade do Everest, da comunidade, das par-

> que envolve uma escalada como essa. É a luta mais pessoal que já tive de sofrer durante um determinado período de tempo. Eu nunca estive tão doente como eu estava quando cheguei ao acampamento base com uma infecção respiratória. Eu nunca lutei tanto fisicamente para Lembro-me da alucinante forca e bondade do continuar a empurrar meu corpo montanha acima, passo por passo, e tudo isso, suportando o cansaço, calor e frio. Eu andei por corpos, almas humanas que passaram por ali apenas quatro dias antes, e deixaram este mundo em tia pela equipe Sherpa e por meus colegas de busca do mesmo objetivo que eu estava tentando alcancar. Eu estava com medo praticamente todo o tempo. Nunca antes eu enfrentei uma realidade tão verdadeira e dura, que minha vida poderia ser tirada de mim por circunstâncias fora do meu controle, e o conhecimento inquietante que era a minha escolha por estar lá, mas para quê? Eu lutei intensamente com a minha própria mente, diariamente, para justificar essa missão para mim mesma, apesar do perigo, do medo da morte, e até mesmo enfrentar as duras críticas que estava recebendo, e tudo isso sem nenhuma experiência anterior em alta montanha.

> Há alguns impactos negativos evidentes, sociais e ambientais de se escalar o Everest e o humilhante e coloca-nos em nossos respecquanto comercial é tudo isso. Esses fatos iá foram discutidos em demasiado na mídia, na internet, em discussões e matérias sobre o assunto. Pessoas que nunca sequer pousaram os olhos no Vale do Khumbu para saber estas do experimentar um lugar que é muito maior coisas discutem amplamente os motivos que do que eles, para lutar e sofrer, lutar e descolevam os outros a estarem lá. Muitos aspectos brir quem eles são, muito como eu fiz. são esquecidos ou ignorados, geralmente ofuscados pelos aspectos negativos. Minha própria jornada no Everest foi repleta de los. negatividade e de luta, mas também teve o triunfo e sucesso, e pude chegar em casa uma

Eu vi um outro lado do lugar que tantos criticam e condenam, e o que mais me lembro é a beleza e a paixão que existe lá em tantas

Lembro-me de ouvir avalanches durante todo o dia e noite da minha barraca no acampamento base, vendo seu poder incontrolável e forca violenta e ao mesmo tempo sentir medo e fascínio pela beleza e energia do ruído estrondoso e forte. Minha primeira viagem pela cascata de gelo às 3 da manhã, e o medo agudo que fez o meu estômago despencar e trouxe lágrimas aos meus olhos, me faz lembrar o perigo real de tudo isso.

Lembro-me de ouvir o vento vindo do cume do Everest quando estava no acampamento 2, como um trem de carga sem freios. Ele chegaria na minha barraca momentos depois. para de repente eu estar no meio desse furacão, o nvlon rasgando e tentando erguer meu corpo indefeso no chão. Eu me lembro da primeira noite quando dormimos no acampamento 3 e a noite estava espantosamente calma. osos, e do pôr de sol glorioso que assisti naquela noite que me fez sentir como a pessoa mais sortuda do mundo. Lembro da escalada na manhã que atingimos o cume logo no início do dia 25, quando o vento forte e a temperatura de 50 graus negativos faziam eu ter dificuldade de permanecer consciente e apreciativa sobre o que eu estava fazendo. Lemde quando exatamente percebi que o cume haveria de ter uma menor importância diante de todo real significado que toda a jornada tinha sido para mim, como tinha me sentido, o que tinha visto e o quanto tinha me modificado como pessoa.

povo Sherpa, e como eles sempre conseguiam estar de bom humor, apesar do enorme esforço que seus trabalhos exigiam. Lembrome do respeito implacável e amor que eu senequipe ocidentais. Todos eles se tornaram a minha família, e, individualmente nunca vou esquecê-los e eles sempre estarão comigo de alguma maneira.

Lembro-me também da comunidade no acampamento base, como uma pequena cidade com todo o drama, fofocas, mas também cheio de pessoas reais, com empregos e famílias e propósitos. Pessoas apaixonadas com intenções positivas que estavam lá simplesmente para realizar um sonho e sentir a grandiosidade das montanhas. Como eles, eu também senti o fascínio de se estar em um lugar muito mais vasto e poderoso do que podemos compreender. É esmagadoramente tivos lugares como seres humanos. Talvez seja essa a razão que leva as pessoas para lá em milhares, além da meta tangível de alcançar o topo do mundo, eles estão buscan-

Lembro-me de todas essas coisas, fico imensamente grato por eles, e nunca vou esquecê

AAC Membro Emily Harrington



# UM OUTRO LADO HI-TEC

A COLEÇÃO QUE FOI CUIDADOSAMENTE PENSADA PARA OFERECER CONFORTO E SEGURANÇA PARA QUALQUER TIPO DE AVENTURA.





# VESTUÁRIO HI-TEC

PARKA COLETE VAQUETA
ANORAK CAMISA
CORTA VENTO SEGUNDA PELE

QR CODE



WWW.HI-TEC.COM

05

# **Line of Sight**

Muitos filmes outdoor, em especial de bicicletas filme são alucinantes, e por si só eleva o filme a como "personagem" de fundo, possuem um rit- um grande clássico. mo mais lento e intimista. Não é incomum ser Para se entender o objetivo do filme é necessáconhecido como chato de ser assistido. Como rio que se entenda o que são as corridas regra geral há muita repetição de imagens fazendo jus á fama de algo "maçante".

inquieto e faminto de velocidade ao pedalar pro- das) e são organizadas e executadas em sua curou realizar uma abordagem audaciosa e, maioria clandestinamente. porque não, ambiciosa. Utilizando a técnica de Durante este tipo de competição os participan-

assiste ao filme. Os vinte primeiros minutos do

"Alleycat races".

Estas corridas é realizada por ciclistas que tra-O ciclista Lucas Brunelle dono de uma espírito balham de courrier (entregadores de encomen-

POV (Point of View – Ponto de vista em português) de elaboração de toda a sua produção teve em determinado tempo possível. O mais caracum resultado marcante para o público ciclista ou terístico (e daí que mora toda a parte de ação do filme) é que durante a execução destas tare-O filme "Line of Sight" possui cenas de tirar o fas, os ciclistas participantes pedalam alucinados fôlego que prendem todo e qualquer pessoa que pelas ruas das cidades onde são realizadas. Não bastasse este senso de urgência também

não são respeitados nenhum tipo de regra urbana. A lista de situa-

cões em que são simolesmente ignoradas são : semáforos, faia de pedestres, calcercas. cadas. ciclovias , parques. sentido da mão das uas e por aí vai.

O filme de Lucas Brunelle quase que exclusivamente retraa estas corridas de maneira nunca inédita: acompanhando os participantes de muito perto e executando as mesmas manobras

O resultado deste tipo de integração resultou é aí que está um dos grandes pontos fracos : em imagens de ritmo intenso capaz de fazer a sua falta de coesão de roteiro acelerar o coração de quem assiste.

calçadas e o que mais encontrar pela frente. Acompanhado de uma música de ritmo frenético o primeiro terço são memoráveis, e valem Porém são apenas imagens editadas e postas por todo o filme. A qualidade das cenas capta- em sequência, mas sem roteiro oou até mesdas é impressionante

A qualidade de edição, assim como suas imagens captadas (apesar de não estar em HD) bém poderiam ter um detalhamento melhor. não fica devendo em nada para todo e qual- mostrando mais de sua personalidade e históquer filme de ação realizado em Hollywood.

çado em breve um filme hollywoodiano que é recente que realizou uma entrevista com o citotalmente inspirado no estilo de filmagem de clista. Entretanto, porém, devido à baixa quali-Lucas Brunelle ("Premium Rush" tem data para dade de perguntas feitas, aliado à uma certa estrear no Brasil em novembro)

Como tudo o que foi filmado aconteceu de verdade, não havendo nenhum efeito especial. o Por isso o filme seria uma ótima fonte de inforfilme se destaca de qualquer outro realizado mação biográfica, o que não acontece de masobre bicicletas : imagens de ação de tirar o neira profunda. Talvez em um próximo projeto

Entretanto o desenrolar do filme é o "mais do Mesmo apresentando falhas de roteiro, "Line mesmo", e a repetição de temas e imagens aca- of Sight" é sem dúvida um filme interessante ba por deixar o filme maçante devido à repeti- de se assistir. Algun dos trechos podem ser ção de muitas cenas que se assemelham umas considerado um verdadeiro clássico e a quaàs outras.

A escolha de deixar em segundo plano a aprecorridas "Alleycat races" faz com que a produção seja muito direcionada para um público es- de ângulos não convencionais necífico

tativa de apresentar os personagens e autor e cidades grandes a bicicleta.

O afastamento de personagem e corridas gera O filme inicia sem nenhuma introdução, jogando a sensação de que são vários filmes transforo espectador direto em cima de uma bicicleta mados em um. Há passagens em mountain "ziguezagueando" por entre carros, pessoas, bikes, perseguições simuladas em becos na América Latina e trekking na muralha da Chi-

mo acrescentar á história.

Algumas passagens filmadas por Brunelle tam-

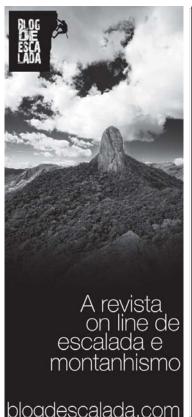
Tamanho o impacto destas cenas, que será lan- Houve até mesmo uma publicação brasileira má vontade em responder pouco acrescenta para referência à sua biografia.

a ser realizado este erro seja reparado.

lidade de captação de imagens é inegável.

Assim como existe em filmes comerciais o sentação do protagonista, e até mesmo das gênero ação, esta produção de Lucas Brunelle mostrou que é possível existir ação e imagens

Line of Sight é um filme obrigatório para todo e Apenas no final do filme é que existe uma tenqualquer pessoa que tem como transporte em

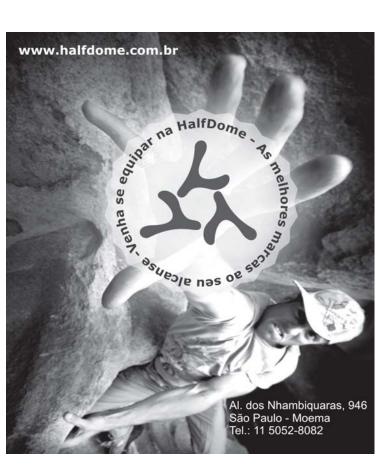




🗅 O menor prazo de entrega do mercado Ressolamos com XS Grip

Vibram Ksaren S Pronta para sua cadena





# Emergência em locais remotos

MARCOS PADILHA | SP

Saber como atuar em situações de emergência sim Paramédicos para entendimentos em locais é essencial para todos os praticantes de atividades ao ar livre. Saber identificar, avaliar e trados centros urbanos. estamos a kilometros de um hospital.

natureza seja por trabalho ou lazer, nas monta-res, guarda parques e etc nhas, florestas, rios e desertos, locais longe da civilização onde não há estradas, hospitais e nenhum tipo de recurso que possa ser usado em casos de emergência.

Percebendo a necessidade de técnicas e cuidados específicos no atendimento a vítimas de WFA - Wilderness First Aid - Primeiros Socortas e patrulheiros na década de 60 começam a desenvolver nos Estados Unidos os primeiros WAFA – Wilderness Advanced First Aid - Primeiprogramas de atendimento de primeiros socorros a vítimas em áreas remotas.

O objetivo dos cursos é reconhecer e avaliar as WFR - Wilderness First Responder – Primeira emergências, prestar atendimento básico e re- Resposta para Emergências em Áreas Remomover a vítima para tratamento definitivo no hostas com duração média de 80hs de treinamento. pital, muitas vezes em locais de difícil acesso e Na década de 80 são criadas varias associa-🖆 com poucos recursos disponíveis.

No ano de 1976 é criado o primeiro curso

tar de lesões, ferimentos e doencas utilizando. Em 1977 entidades como a NOLS e a SOLO. técnicas especificas podem fazer a diferenca desenvolvem os primeiros programas de prientre a vida e a morte, principalmente quando meiros socorros em áreas remotas para seus instrutores e assim esses cursos começam a O Homem sempre gostou de se aventurar na ser ministrados para montanhistas, explorado-

# Tipos de cursos

Vendo a necessidade de aprimorar os programas de treinamentos são lancados então os

acidentes nas montanhas do Colorado, alpinis- ros em Áreas Remotos com duração média de 16hs de treinamento.

ros Socorros Avançados em Áreas Remotas com duração média de 40hs de treinamento.

cões médicas voltadas aos atendimentos médicos em locais remotos como a WMA-Wilderness ☑ Wilderness EMT (Técnico em Emergências Mé-Medical Associates e a WMS – dicas para Ambientes Silvestres) preparando as- Wilderness Medical Society entidades que tem

como objetivo pesquisar e desenvolver estudos sobre assistência médica em locais remo-

Nos países desenvolvidos onde a prática de fundidos e conhecidos pelos praticantes de atividades ao ar livre tem um grande número de atividades ao ar livre, são muito poucas as adeptos como na América do Norte e Europa a entidades ou centros de treinamento que esprocura desses cursos por parte dos pratican- tão habilitados e certificados a ministrar estes é muito grande, na América do Sul, a procuses cursos no Brasil

to na Argentina e Chile.

No Brasil os cursos WFA ainda são pouco di-



06 publicações

# **Furadeiras** e **Parques**

Parques Nacionais e alguns estaduais do estado do Rio de Janeiro criaram recentemente restrições ao uso de ferramentas elétricas para fins de instalação de grampos, o que na pratica quer dizer que furadeiras não serão mais permitidas nas conquistas, somente em

A justificativa para a proibição é inibir o uso excessivo de grampos, já que estes causam

danos à rocha, todavia, a maior parte destas unidades de conservação já exigem a permislada. Leia o que alguns montanhistas que conquistam rotas pelo Brasil pensam a respeito do tema:

são para conquistas (com antecedência de até 30 dias), com projetos assinados pelos conquistadores especificando o local da nova via, e o tipo de proteção que será utilizada. O Parque Nacional o Itatiaia, inclusive proíbe o equipamento de rotas, permitindo apenas a conquista (de baixo para cima). Este é o início de uma interferência do estado na liberdade de cada montanhista escolher seu estilo de esca-

### Alexandre Silva, SP

Acho que independente do estilo da via e local, um montanhista ético e de bom senso, fará um bom trabalho com ou sem furadeira. Portanto a grampeação excessiva independe do método

Você matar alguém é igualmente errado com uma arma de fogo ou uma faca. Ou seia, batedor ou O uso de furadeira, não tem nada hayer com o o trabalho dos conquistadores de vias aiudanfuradeira, o importante neste caso é a educação e respeito à ética local, e a boa prática do

### André Ilha, RJ

Embora furadeiras elétricas de fato agilizem muito a colocação de grampos ou chapeletas, o que facilmente pode levar a excessos, creio que cada caso é diferente do outro, e um banimento geral me parece uma medida extrema e desnecessária. Nos parques estaduais do RJ adotamos com entusiasmo, e com sucesso, a discussão com os interessados das regras para escaladas e, subsidiariamente, também para caminhadas através dos "seminários de mínimo impacto", iá concluídos para os três parques onde a escalada é uma atividade significativa - Três Picos, Serra da Tiririca e Pedra Branca -, e cuios resultados foram incorporados aos respectivos planos de manejo. Como resultado, há casos em que o uso da furadeira foi, sim, banido, mas na naioria dos outros, não.

# Antonio Paulo Faria, RJ

Colegas, vejo da seguinte forma a discussão 'furadeiras elétricas X marretas/brocas" na fixação de grampos durante a abertura de vias de escalada nas unidades de conservação: Se furarmos na base da marretada, usando brocas, a pobre fauna terá que ouvir o barulho infernal, entre meia e uma hora, de PA, PA, PA, PA, PEING, PEING, PEING, PEING, PEING, PEING, PEING, PEING, PEING... e finalmente... PING. Agora oucam o barulho de uma furadeira elétrica. que faz o mesmo furo em aproximadamente entre 40seg... Vruuuuuuuummmmmm... PEING, PEING... e finalmente PING.

Qual desses instrumentos é mais ecologicamente correto, além de proporcionar menos dor de cabeca ao escalador? Aos pseudoescaladores puristas, pode-se abrir vias de escaladas exceentes e em alto estilo, usando furadeiras elétricas, isto é apenas um instrumento. Se esses continuarem com tal discussão sem propósito, deveriam também evitar de usar proteções ativas (friend, camalot) e cordas dinâmicas, porque esses foram frutos da evolução tecnológica, vocês não concordam? Em 31 anos de escalada, vivenciei muitas situações semelhantes em relação à aceitação de novos equipamentos de escalada, inclusive o uso de magnésio, mas com tempo todos os críticos se calaram ou pararam de escalar.

Sendo assim, a discussão deve ser baseada nas áreas dos parques onde podem ser abertas vias de escalada, como também o numero de vias, mas não a forma de como as vias são

abertas. Para quem não entende do assunto. próprio protege a área de escalada, e não é a pode ser mais difícil parar numa agarra, sacar furadeira que irá acabar com problemas de acesuma furadeira elétrica para fazer o furo, do que so aos picos de escalada e sim quem frequenta fazer o mesmo com uma marreta, isso vai depender muita da dificuldade da escalada

uso excessivo de grampos, a quantidade de proteções em uma via, depende exclusivamente da audácia do conquistador. Quando utilizo furadeira, evito a fixação de muitos grampos, inclusive porque a bateria também termina, e a máquina é pesada para sair batendo grampo à toa. Faria lógica "inibir o uso de furadeira" pelo escaladores da região não sabíamos dessa barulho que assusta os animais, mas uma marreta batendo por muito mais tempo deve ser um ano, e fico pensando, agora que mais intepior, precisaríamos da ajuda de biólogos para ressados surgiram, se a regra será revista? tomar tal decisão. Por enquanto, não sou a favor desta proibição

# Edson "Du Bois" Struminski, PR

O que determina a quantidade de proteções em uma via são os fundamentos éticos envolvidos Não vi a proibição como um bem para o PNI, e na escalada, sendo que o uso da furadeira, martelo, ou de material móvel é uma mera consequência desta escolha.

Conhecer a ética local é importante tanto para o escalador que prentende abrir vias como para o modalidades como montanhismo clássico, vias gestor da unidade de conservação onde a es-

# Eliseu Frechou, SP

A restrição ao método de abertura e ao uso da furadeira, não só interfere no estilo de escala- de estilo, como faço até hoje, e procuro fazer da, como pune uma ferramenta ao invés de quem. abusivamente ou erroneamente fere a superfí-

O limite entre ética e estilo sempre foi muito tênue no nosso esporte, mas onde se faz um furo certos conceitos dos montanhistas com rela-- e não como se faz - é o que interessa no final ção a respeitar a opinião de cada um que frepara uma avaliação sobre as características das quenta a montanha! vias. No mesmo PNI, há vias eticamente corretas e num estilo bastante arrojado no paredão GEAN, abertas por ingleses no melhor estilo hard grit, que permitem o trabalho em top rope e de-

furadeira ficará muito mais perfeito que um feito do conquistador, acho que a melhor medida para com talhadeira, permitindo uma grampeação melhor com menos esforco. Se eu tiver que fazer um furo manual, a escolha recairá sobre o bre ética local. sistema de chumbador auto perfurante de 8mm Mas se puder usar a furadeira, usarei um parabolt Felipe Dallorto, RJ de 10mm que é muito mais resistente e durável. Quem ganhará com um sistema mais robusto? A rocha que receberá menos manutenção e os escaladores que ganharão em segurança.

A existência de mais vias e setores favorece o crescimento e a motivação dos esportistas e a mos um trabalho bem feito nas manutenções de preservação dos setores mais tradicionais, que vias antigas como para novas conquistas semficam menos congestionados, distribuindo os praticantes em diversos lugares e aind a aumenta o patrimônio histórico dos parques.

# Emerson (Memi), RS

Acredito que está proibição vai muito da região. mas não acho válida, pois o montanhista por si forma antiga, "punho e talhadeira". Podemos

# Felipe Guimarães, MG

do a acelerar o desenvolvimento da escalada. No mundo inteiro ela é usada e vista como uma ferramenta da evolução tecnológica como os equipamentos móveis, que também tomaram o lugar das cunhas de madeira do passado! Moro em Itamonte, MG. Eu e muitos outros nova regra criada no PNI pela CTME há mais de Em alguns locais no PNI já estava proibido a conquista de novas vias dizendo que os grampos poluem a montanha. A escalada é um dos poucos momentos em que o ser humano passa a fazer parte da paisagem.

sim uma imposição de um estilo da pratica da escalada nessas montanhas!

Antigamente existia o alpinista e o rapeleiro, que com o decorrer do tempo se dividiu em varias esportivas, boulder e turismo de montanha! Os praticantes de rapel são hoje meus melhores clientes, me fazendo entender sua posição nesse meio da diversão outdoor.

Eu cresci escalando o que tinha, sem frescura isso da forma mais segura possível.

A escalada evoluiu muito, não só em nível de dificuldade nesses últimos anos, mas em vários aspectos. O que falta evoluir são

# Felipe Edney, RJ

Não sou a favor da proibição, usar ou não a furadeira não é o principal agente causador deste problema. Conquistar com mais ou me-Falando tecnicamente, um furo feito com nos proteções está relacionado ao estilo e nível este problema em questão seria a organizar

No ano de 2010, fizemos o 1º Seminário de Mínimo Impacto do PEPB (Parque Estadual da Pedra Branca) no Rio de Janeiro, onde mostramos para os diretores e biólogos do Parque que o uso de furadeira é essencial para realizarpre tendo o bom senso de que a ferramenta (furadeira) é uma evolução dos equipamentos que usamos e não faz o caráter do montanhista, nuito menos a questão de uso excessivo de grampos, onde existem diversos exemplos de vias com grampos batidos excessivamente de

dizer que o diferencial não está na ferramenta e sim na experiência, caráter e vontade de cada pessoa, tendo como exemplo: montar em um cavalo ou dirigir um carro, quem faz e mostra o caminho de ambos é o condutor

# Flávia dos Anios. RJ

Sou contra a proibição. A furadeira é uma ferramenta, uma tecnologia, não uma definição de caráter ou estilo.

As leis, de modo geral, não devem ser tão específicas a ponto de enquadrar um determinado equipamento/aparelho/tecnologia, essas coisas evoluem e a lei fica obsoleta.

Citando um escalador que falou sobre o assunto no 2º Seminário de Mínimo Impacto da Urca: "Amanhã inventam uma caneta laser que faz furo e aí temos uma brecha na regra. Ou, ainda, até que ponto a talhadeira e a broca não são também "tecnologia"? Que facamos então, os furos com o dedo, oras...

E atacando o ponto de vista dos que são a favor da proibição, a furadeira é uma ilusão de velocidade e de excesso de grampos. Ela é pesada e as baterias são pesadas, isso atrasa a conquista. E a quantidade de furos é limitada. Se o conquistador quiser evitar retornos excessivos ele ira espaçar os grampos e economizar bateria. E por fim. temos exemplos suficientes de vias E1, ou quase "E0" abertas

# Gustavo T. Netto, RS

Não compete à responsabilidade das consequências, à ferramenta que o escalador utiliza. A furadeira é uma excelente ferramenta, pois facilita e acaba por conferir um trabalho com melhor qualidade (um furo bem feito simétrico). Mas a responsabilidade é do utilizador, que planeja e executa.

Não me parece solucionar o problema, selecionando a ferramenta. Deveria ser analisado o método por inteiro, como: usar cordas de cima para equipar; apenas conquistas de baixo; aberturas de setores esportivos (por acumularem mais vias e mais frequentadores); áreas com maior suscetibilidade à impactos; novos setores onde terá novas trilhas de acesso. entre outros.

Com ou sem talhadeira. Seja por proteções em excesso, seia por proteções em locais inadequados, o resultado de uma via mal feita nasce da inexperiência.

# Janine Cardoso, SP

Acredito que simplesmente proibir não é um caminho virtuoso. Tratando se de parques nacionais, poderia haver espaço para que o conquistador expusesse seu projeto, mas o problema é que existem interesses divergentes demais, e, em alguns casos, problemas de ego que complicam a evolução. De qualquer forma seia qual for a razão desta decisão, é inegável que simplesmente proibir parece uma decisão mais fácil e confortável. Torcendo para que cheque se ao bom senso, abracando uma visão mais ampla e menos preconceituosa em relação ao uso dessa ferramenta

#### José Luis Kavamura, PR

Sinal de retrocesso em minha opinião. Acho que o que deveria determinar a atitude/ética na montanha são o bom senso e o respeito pelo meio ambiente e pela comunidade. Determinar o que é esse senso comum sem amplo debate torna a proibição no mínimo antidemocrática. Em termos práticos, já vi vários casos de grampeação excessiva sem o uso de furadeira, o que também torna questionável a eficácia da medida. Se alguém decide optar por um estilo mais desafiador, sem o uso de determinado equipamento, o que pode ser admirável, deveria fazê-lo por escolha própria e não por proibições de outros que muitas vezes nem fazem idéia do significado desta decisão.

# Juliano Magalhães, RJ

Proibir o uso da furadeira para abrir uma via é um pensamento retrógrado e obsoleto. Querer impor um estilo particular de abrir vias em toda a sociedade é puro autoritarismo. As pessoas e a tecnologia evoluem com o passar do tempo, porém alguns insistem em viver no tempo das cavernas. Como exemplo, se uma pessoa quer por fogo em alguma coisa, não importa se vai usar um isqueiro, fósforo ou outra ferramenta. O resultado "fogo" vai ser o mesmo. O que importa é a consciência de cada um em fazer a coisa certa. A furadeira nada mais é que uma ferramenta que pode ser usada tanto para o bem quanto para o mal, assim como o batedor manual faz furo ao lado de fenda, mal feito e em ex-

# Silvério Nery, SP

Acho que a proibição ao uso da furadeira é um instrumento válido de gestão de parques e outras unidades de conservação. Esse dispositivo é adotado por diversos Parques no Brasil e no exterior, como por exemplo, Itatiaia, Serra dos Órgãos, Três Picos, Yosemite, Zion, etc.

Esta me parece ser uma forma eticamente adequada para inibir a abertura desordenada de vias de escalada, coisa que a furadeira elétrica sem dúvida facilita bastante. Me parece bem melhor utilizar esse tipo de instrumento do que simplesmente proibir, o que seria muito mais fácil do ponto de vista do chefe do parque Instrumentos de gestão semelhantes são freguente mente utilizados em Parques no exterior para inibil (sem proibir), por exemplo:

a quantidade de pessoas pode ser reduzida numa travessia mais longa se os locais de acampamento forem selvagens ao invés de refúgios mais estruturados. Pode-se também exigir que um grupo de trekking apresente comida, combustível e fogareiro antes de iniciar uma travessia, para evitar as pos síveis fogueiras e, de quebra, reduzir a quantidade de pessoas na travessia, e por aí vai.

No caso da conquista por meios manuais, além desse fator inibidor, muitos montanhistas consideram o ba-tedor manual um meio mais justo na conquista de uma via de escalada do que uma furadeira. Na mesma linha de raciocínio da proteção móvel ser um meio mais justo do que a proteção fixa

12ª Mostra Internacional de Filmes de Montanha em outubro no Rio de Janeiro



08 on the rocks

# Nos altos do

# Caparaó Capixaba





O Pico da Bandeira, com 2820m de altitude, é o ponto culminante da Serra do Caparaó e terceira mais alta montanha do país, perdendo apenas para o Pico da Neblina e o Trinta e Um de Março, localizados na distante Amazônic

O maciço montanhoso o qual se encontra o Bandeira é divido pelos estados de Minas Gerais e Espírito Santo. Tanto por um estado, quanto por outro, a paisagem na estrada é dominada pelos cafezais que impulsionam a economia local, e foram responsaveis pelos grandes desmatamentos que aconteceram na região.

Hoje vemos também as plantações de eucalipto que estão avançando tanto quanto o café, em um passado não muito distante, que ainda manterá esta região um tanto quanto exótica com relação a vegetação nativa, que ainda sobrevive graças a unidade de conservação, como o Parque Nacional do Alto Caparaó.

# Os acessos ao topo

A maior parte dos visitantes prefere a entrada do Parque na cidade mineira Alto Caparaó. Este acesso, por ser o mais visitado e onde se encontra a sede do Parque, é que possui melhor infraestrutura turística, como hotéis e restaurantes. A caminhada pode ser dividida em duas partes indo do ponto conhecido como Tronqueira, até o Terreirão, acampando neste lugar e depois com mais dois quilômetros e meio, atingir o cume do Bandeira. O percurso total beira os oito quilômetros, mas por ter um desnível menos acentuado continua sendo o preferido por quem quer ver o nascer do sol do alto da montanha.

Já havíamos há tempos planejado subir o Bandeira e durante o VI Encontro Capixaba de Escalada, que aconteceu na cidade de Pancas, fomos convencidos pelo Zé Márcio e a Duda, que o acesso pelo Espírito Santo era interessante. Assim, fomos a cidade de Pedra Menina, onde há outra portaria para ingressar no Parque Nacional. Chegamos no meio da manhã e após um hate papo com os quardas que

mir bivacado nem acampando no alto do Bandeira, escolhemos acampar na Casa Queimada, último ponto onde se pode chegar de carro. Armamos a barraca, pois a previsão era de chuva e não queríamos ter que montar acampamento debaixo d'água na volta. A essa hora manhã o frio já era bastante intenso, o que nos fez duvidar de uma mudança brusca de tempo, mas nos obrigou a iniciar a trilha bastante agasalhados. A trilha é bem sinalizada e em nenhum

nos explicaram que não seria possível dor-

A trilha é bem sinalizada e em nenhum momento dos quatro quilômetros de extensão tivemos dúvidas quanto ao trajeto. A marcação é feita por estacas com a parte de cima pintada com tinta refletiva. e mesmo a noite são perfeitamente visíveis. Se não fosse esta sinalização, bastaria seguir a trilha de papel higiênico, o que nos fez imagina que se estávamos no trecho menos frequentado, como se- nuvens. ria o lado mineiro? A sujeira na trilha foi o único ponto negativo de todo o caminho. Por este motivo, não há água confiável no único riacho do caminho, portanto, leve água potável que pode ser encontrada na Casa Queimada

um bate papo com os guardas, que Quem já esteve nas altas montanhas do

sudeste, como Pico dos Marins, Itaguaré, Planalto do Itatiaia, reconhecerá facilmente os campos de altitude que predominam a partir da cota 2000m. Nos altos do Caparaó, o cenário é idêntico, com a diferença de que a crista final é bastante aberta, o pode-se ter uma visão realmente privilegiada mais hora antes de atingir o topo.

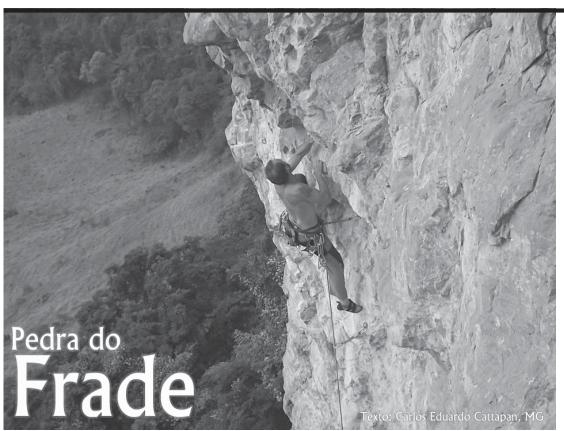
O dia em que caminhamos até o Pico da Bandeira estava muito ventoso e fechado, com uma sensação térmica abaixo de 0°C com certeza, pois mesmo caminhando e com 2 agasalhos e anoraque passamos perto de sentir frio. A visão do alto compensa o esforço, e entre uma rajada e outra mais forte, uma janela se abria nos nuvens e podemos vislumbrar, boquiabertos, a beleza que se estendia aos nossos pés, até se perder de vista, num mar de montanhas e nuvens.

Retornamos à noite, bastante queimados do frio e cansados por termos feito a caminhada em tão pouco tempo. A recomendação é que quem planejar fazer este passeio, o faça começando cedo, para poder curtir mais este lugar tão bosito.



10 montanhismo

11



Um pouco diferente das paredes negativas próximas, a rocha da Pedra do outrastrilhas. Frade difere pela quantidade de agarras.

Passando pela estrada que liga Itajubá a Maria da Fé, no Sul de Minas, é fácil perceber a pedra que se ergue no fim do vale, do bairro Ano Bom. Na região, pedras de coloração amarelada ou avermelhadas quase sempre sugerem setores protegidos da chuva por tetos ou negativos. Na pedra do Frade, com uma ampla. parede negativa, que grada lateralmente para setores positivos, existe uma grande variedade de tipos de agarras e inclinações de pare-

Abaulados, batentes e regletes fazem o conjunto principal. Em algumas vias parece uma "calda" recobriu os fragmentos que estavam soltos, mas agora estão cimentados e firmes. Certos trechos da pedra são mais frágeis e tem grande quantidade de agarras saindo, o que deixa a coisa mais "divertida". Capacete é algo altamente recomendável na base das vias. As vias mais novas são mais quebradiças, mas é só prestar atenção nas agarras que já estão marcadas. Naquelas mais escaladas, como a Verruga do Frade, Vozes do além, Sem nocão, que estão no platô de cima, ou setor Barcelona, segundo os locais, as agarras estão bem sólidas.

No momento, a pedra tem três setores com vias esportivas chapeletadas bem protegidas e algumas com passagens com móveis. No canto esquerdo da pedra temos o setor Jibóia, com as vias Engano 7c, Incrível Hulk 8b, Regueiros 8c, Guerreiros 7b, Slot 4sup, Fia da sunha 5sup. A vantagem nesse setor é a sombra na base da pedra o dia todo. Depois, na porção central da parede, temos um setor com as vias El Salvador 8a, Desvios 6sup, Red label 8a, que são vias também na som-

O próximo setor, no platô de cima, é que possui mais vias. Vozes do Além 8b (upgrade), Sem metros de escalada e 23 costuras. Neste setor, uma via recomendada é a Verruga do Frade, principalmente pela sensação de se pendurar numa verruga de pedra.

As vias estão sendo abertas pela galera da região. Na primeira leva, Jairo Maxisuel, Rafael "Jesus" Wasem, Orlando Mohallem, Reinis Osis e. eu e mais recentemente. Paulada Henrique

# Como chegar:

De Itajubá, seguir sentido Maria da Fé, após o quebra molas do bairro Ano Bom, entre a direita na estrada de terra e basta seguir em frente que logo irá visualizar a pedra. Após aproximadamente 2,4km, estacione o carro junto das touceiras de bambu e comece a caminhada pelo pasto, passando pela cerca à direita. Siga reto a esquerda dos eucaliptos, chegando à mata, suba até a parte em que o pasto chega mais perto da pedra, e suba pela trilha na mata. A caminhada é de cerca de 40 minutos.

#### Horários de sombra

Setor Barcelona: depois de meio dia. Demais setores: o dia todo

Setor Barcelona: não molha Demais setores: algumas vias molham

### Equipamento:

20 costuras Corda de 60m

Moveis médios e pequenos (vias Fia da sunha e

Proprietária da área: Miriam Azevedo

# Recomendações:

- a área é pouco frequentada, mas evite fazer

 novamente, capacete na base das vias. se for abrir ou conquistar uma via, seia bem vido, mas: converse com a comunidade local, noção 7c, Verruga do Frade 8c (upgrade), Ce- não retire vegetação da pedra e evite posicionar noura e bronze 7b, Filet Mignon VI sup, Intri- as vias muito próximas umas das outras.



gante VI e Carpen dien VI. Todas possuindo

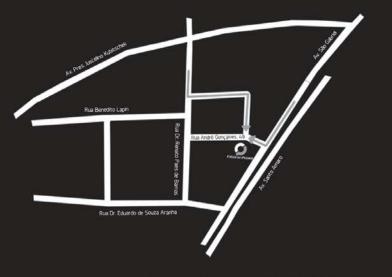


Venha conhecer a nova Casa de Pedra Concept Store Itaim

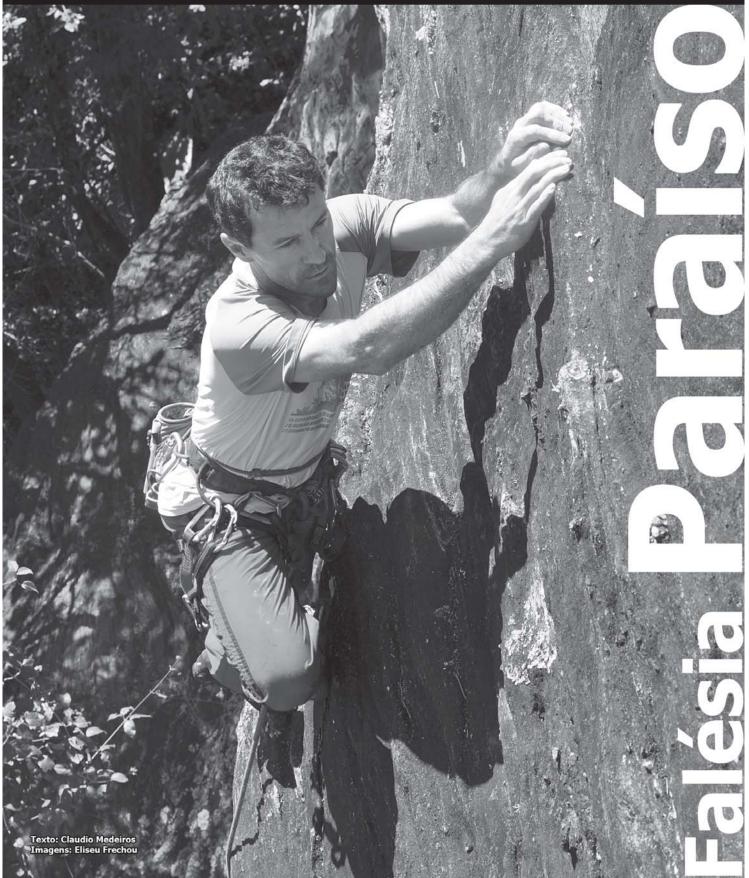




Um novo espaço, com as melhores marcas e atendimento personalizado que só uma loja com alma de montanha podé oferecer.



Rua André Gonçalves, 49 Itaim Bibi São Paulo www.casadepedra.com.br Fone: 11 3047 2494



A Falésia Paraíso está localizada na cidade de Mesmo com a intensa campanha que sempre de pessoas estranhas frequentando aquelas rochas, que se encontram dentro de duas proprieflora local, se fizer necessidades fisiológicas enterrar os dejetos, pagar uma taxa de visita de R\$ guns deslizes, não tivemos maiores problemas. 5,00 por pessoa por dia, dentre outras regras. Assim, primeiro conquistamos a Falésia, e depois começamos as vias. Foi criado um blog que grande número de vias fáceis e para iniciantes, mantemos com o objetivo de divulgar gratuitamente as informações, regras, croquis e mapas de acesso, etc:

falesiaparaiso.blogspot.com.br

Pindamonhangaba - SP. no bairro do Pinga. As fizemos visando o cumprimento de todas as reconquistas de vias na falésia se iniciaram em gras pelos frequentadores, em março de 2011, fevereiro de 2009. Inicialmente os proprietários um escalador desrespeitou o limite de velocidae a vizinhança local não queriam nem ouvir falar de e colidiu com o carro de um dos moradores mais ilustres e influentes da comunidade local, isto causou o fechamento imediato da falésia, dades particulares. Após muita negociação che-gou-se a um acordo: para acessar o local os Foi um duro golpe para os escaladores, mas requentadores deveriam cumprir um conjunto muito mais duro para nós conquistadores. Sende regras de comportamento para minimizar a timos uma imensa frustração de ver todo o traperturbação que causariam na comunidade local. Este conjunto de regras visam a conduta água abaixo. Felizmente, após várias rodadas de respeito e mínimo impacto ao local e aos seus habitantes: não levar animais, não fazer foguei-seguimos a reabertura em caráter temporário. ras, estacionar em local adequado, respeitar os Intensificamos a concientização do cumprimenlimites de velocidade de 30 km/h, não deixar lixo, to das regras e conclamamos os demais usuánão fazer barulho, não mexer com a fauna e rios a nos aiudar na "fiscalização", isso deu um bom resultado e, embora tenham ocorridos al

Uma característica da Paraíso é que possui um

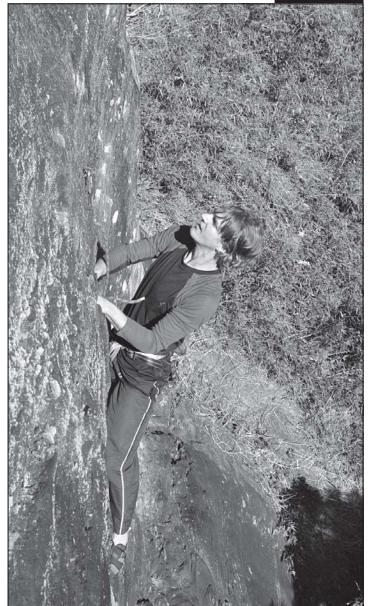
Diferente de outros locais, a falésia é uma ótima opção para a época das chuvas, pois suas paredes secam rapidamente, e no calor existem vários setores que ficam à sombra, proporcionando uma escalada bem agradável nos dias mais quentes.

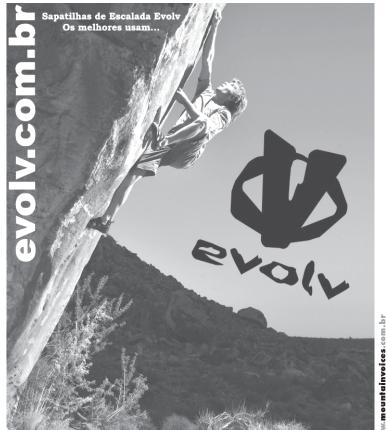
Atualmente a falésia se encontra com 127 vias divididas em 13 setores, com vias que variam de IV a IX grau, que vão de 6 a 55 metros, sendo em sua grande maioria em torno de 25 metros. Existem 11 vias móveis, compensando trazer um pesinho extra na mochila, e, até o momento, 28 vias sem cadenas confirmadas esperando pelos mais arrojados.

Os trabalhos de conquista na falésia são executados por nós: Claudio Medeiros, Inácio Bianchi, Paulo Menezes, Carlos Camilo e Ricardo Reis. que compramos uma furadeira e materiais para fazer os Ps. Nós mesmos confeccionamos os Ps e para isso temos recebido doações em dinheiro e em material de várias pessoas cujos nomes não vamos citar para não cometer gafes, mas a todos somos muito gratos. Quem quiser contribuir entre em contato pelos endereços disponíveis no blog.

Conquistar uma via é relativamente fácil, é uma tarefa dura que tem início e fim, já a conquista de um pico não é fácil, é tarefa árdua, tem início, mas não tem fim. dura a vida toda e o trabalho pode ser perdido a qualquer momento, basta um vacilo de alguém e já era. Por isso pedimos, por favor, ajudem-nos a manter a falésia aberta para todos, cumpram as regras e ajudem a conscientizar aos demais desta necessidade. Precisamos da colaboração de todos para que este local esteja sempre aberto e disponível para toda comunidade.

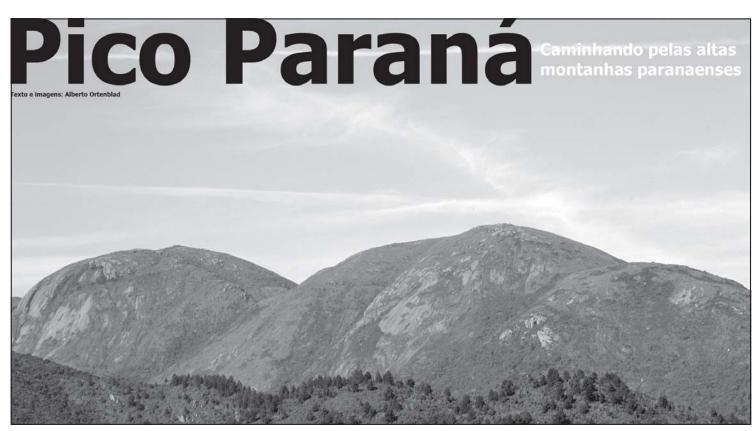






14 on the rocks

15



Prometi a mim mesmo deixar por um tempo a Serra do Mar, mas acabei me aventurando pelos altos do Parque do Pico do Paraná. São travessias árduas, das quais esbocei apenas as três mais óbvias, todas elas de uma beleza especial.

não tendo encontrado nela um bom clima nas aventura. Maack acompanhou sua ascenção duas vezes em que lá estive - fora duas outras do Abrigo 2 Batizaram-no então de Pico Paraná em que o tempo estava tão péssimo que seguer Sabe-se hoje que o Paraná mede 1.877m, conpus o pé na trilha. Mas, como o local é ainda tra apenas 1,539m do Marumbi, e que é o ponto pouco visitado pelos paulistas, resolvi divulgá- culminante do Sul do país. lo neste artigo, na esperanca de que os leitores Reinhard Maack foi um brilhante geólogo e invenham a conhecê-lo ainda neste inverno. Con- cansável pesquisador. Ele nasceu na Alematei para tal com a ajuda de Rossana Reis (ela me nha, trabalhou na África e viveu depois no Bradeixou comentar que é uma louraça), aproveisil. Morreu já idoso no fim da década de 60. tando seus momentos de ócio causados por um Rudolfo Stamm é considerado o maior pé quebrado – na região do Pico Paraná, é claro! montanhista paranaense de sua geração – di-

# A Conquista

o geógrafo alemão Reinhard Maack subiu no Pico Com a morte de seu amigo, foi para a Venezuela Olimpo, ponto culminante do macico Marumbi, e nunca mais voltou. percebeu que este não poderia medir 1.800m como então se acreditava na época em que era meu relato no MV #111 de 2010)

quistar aquela montanha. Junto com os experientes marumbinistas Rudolfo Stamm e Alfred Mysing, organizou uma expedição para chega

Era o começo da década de 1940 e não existia a Régis Bittencourt, a região era completamente inacessível, além de muito acidentada - mesmo hoje, não existe nenhuma cidade de expressão nos mais de 200 km entre Registro e Curitiba Após alguns erros, os três conseguiram conquistar o Pico Caratuva, de onde tiveram uma visão mais próxima da montanha

Em julho de 1941, Stamm e Mysing finalmente

Inicio dizendo que não conheço bem a região, atingiram o cume mais alto, depois de 15 dias de

ferentemente de Maack, sua vida pouco regrada terminou cedo, antes dos 50 anos. Alfred Mysing A conquista do Pico Paraná é uma emocionante foi o mais constante companheiro de Stamm história do montanhismo paranaense. Quando contribuindo para muitas das vias no Marumbi.

# A Serra do Mar

considerado o ponto culminante do Estado (ver Como diz Pedro Hauck, na maior parte de sua extensão a Serra do Mar se assemelha a uma Mais ainda. Maack notou que existiam ao norte escarpa, com uma íngreme parede voltada para montanhas que pareciam ser mais elevadas, em o mar e um suave relevo em direcão ao interior. especial uma bela formação com duas corco- Mas isto não acontece no Paraná. Lá ela é comvas, que ficava atrás de uma muralha de picos. posta por uma sucessão de blocos, com difí-Foi ele quem primeiro lançou o desafio de con- ceis passagens entre eles. Exemplos destes passos são o histórico Caminho do Itupava ou a atual Estrada da Graciosa, que descem do planalto curitibano até a planície litorânea. Neste contexto, é impressionante a localização

do Pico Paraná, afastado talvez 80 km do litoral. apesar de integrar a Serra do Mar. Além disto. para quem avança na sua direção, existe uma impressionante muralha formada por grandes montanhas da Serra de Ibitiraquire - à esquerda (Ferraria e Taipabuçu), à frente (Caratuva) e à direita (Itapiroca) e, mais adiante, do Tucum ao Ciririca, com uma altitude média acima de 1.750m. Quem já esteve na Serra do Mar sabe que, além de sua topografia abrupta, a vegetação é um obstáculo muito presente. Ela é sempre espessa, bastante interferente e às vezes desorientadora, quando impede a visão do obietivo. Mas lá existe também a persistente neblina, que mesmo nos dias aparentemente limpos costuma frequentar as encostas da região. Estas formações da Serra do Mar como o Anhangava nas proximidades de Curitiba, o Marumbi em Morretes e o Pico Paraná em Campina Grande (todos próximos entre si), são particularmente importantes para o montanhismo paranaense, não só pelas importantes conquistas envolvidas. No interior do Estado a rocha encontrada é o arenito, como em Ponta Grossa

e São Luiz do Purunã, porém com altitudes bem

#### Altitudes das Principais Montanhas da Serra de Ibitiraquire 1 877m 1 876m 1 850m Paraná Ibirati Caratuva Itaniroca 1 805m Ciririca 1 760m Ferraria 1 745m 1.736m Taipabucu 1.734m Camapuam 1.713m Cerro Verde 1.653m 1.603m 1.550m Camacuam Luar

Nota: Consultadas várias fontes, nem sempre coincidentes, com variações de até 50m por pico

menores, pois o planalto paranaense tem declive para o oeste. Tornaram-se pontos de escalada esportiva deixando entretanto o montanhismo de longas aproximações restrito à Serra do Mar.

# O Acesso

Chegar à base do Pico Paraná é hoje bastante simples, pois ela está próxima da Rodovia Regis Bittencourt. Se você vier de Curitiba, deve sair cerca de 2 km após o Posto Shell Tio Doca (que fica do lado oposto), na ponte do Rio Tucum. Você então seguirá à direita por 6 km numa estrada de terra - tome a esquerda na única encruzilhada. Vindo de São Paulo, encontrará o Tio Doca quase 6 km após passar pela ponte de uma grande represa, devendo tomar o primeiro retorno e seguir as instrucões acima. A base fica a 55 km de Curitiba e 380 km de São Paulo

Nas proximidades, só há dois locais onde pousar: no Tio Doca ou na Fazenda Pico do Paraná. O posto é um tanto precário, mas seu sono não deve ser pior do que o dos camioneiros o telefone é (41) 3685.1101. Já na fazenda, existe um bom camping, além de limitadas acomodações na casa do Dilson - o telefone é (41) 9906.5574, mas convém checar as condições de chegada.

A Fazenda Pico do Paraná pertence à família de Dilson Seriguelli e tem 250 ha. Ela possui plantação de caqui e criação de ovelhas, mas o turismo é a principal fonte de receita. São cobradas taxas para ingresso e acampamento, o que costuma gerar muita polêmica. Ela fica limítrofe ao Parque Estadual, numa altitude. de 970m. Devido à inexistência de estrutura pública, ela funciona como uma sede informal do Parque Estadual

Fico muito decepcionado com a falta de inves-

nenhuma das outras que conheci no Paraná, permite esplêndidas travessias - longas, difíceis e cênicas. Acho que vocês montanhistas paranaenses deveriam se mobilizar, exigindo a minação. No verão, o tempo é desagradavelmenampliação e a organização deste Parque. Seu te quente, com major presença de insetos – e. pamento. Atenção: é bom observar que a exabandono é difícil de entender para quem visi- naturalmente, de neblina. E, apesar da água dis- pressão abrigo é enganosa, melhor seria tou por meses o Parque Estadual da Serrra do ponível em alguns pontos da trilha, é bom levar chamá-la de acampamento, por não contar com Mar em São Paulo (ver os últimos MV) dotado cantis de novas equipes e instalações.

#### O Parque

O Pico Paraná está inserido num pequeno Parque Estadual com apenas 4 mil ha, que contém a Serra de Ibitiraquire. É como se você apenas estendesse um lençol sobre as formações existentes: Paraná a norte. Caratuva a sul. Ferraria a oeste e Agudo da Cotia a leste - sem nenhuma saia que protegesse o entorno destas montanhas. O Parque foi fundado com muita dificuldade em 2002 e não dispõe de qualquer estrutura. Estende-se pelos municípios de Campina Grande e Antonina.

maiores extenções contínuas de mata atlântica local. do Brasil. A prática atual procura conectar os Agora você penetrará numa das mais incríveis mosaicos de preservação, para permitir a fluidez das espécies naturais. Espero que, um dia, isto alcance o Parque do Pico Paraná.

Apesar das caminhadas longas, ele é muito procurado - da última vez em que lá estive, um fim de semana de tempo incerto, contei quase 40 pessoas na trilha. Na alta estação, não seria incomum haver um alto número de pessoas acampando no Parque. Vale lembrar que a capacidade de acampamento na trilha do Pico está desnudado pelo intenso uso de clareiras para as barracas

limpeza das trilhas e dos abrigos coordenados pelo Clube Paranaense de Montanhismo, E. pior. houve diversos incêndios nos últimos cinco anos, alguns pequenos, mas outros atingindo áreas moderadas de 10 ou 70 ha. Conta-se que o Caratuva ardeu por uma semana em 2007, até que vieram as chuvas.

A melhor época para ingressar no Parque é de julho a setembro, com tempo limpo e seco. Mas prepare-se para temperaturas negativas nos altos – e para dias ventosos, no verão ou no para guatro

#### A Trilha

A trilha para o Pico Paraná é longa e árdua, embora bem definida e não técnica. Sobe as encos- inicialmente através de uma matinha baixa e tas num rumo leste, atravessando uma mata poudepois pelas rochas de granito, com algum auco interessante, até tornar-se menos íngreme, à medida que ganha altura. Num certo ponto, você poderá avistar a impressionante muralha dos picos precursores, do Ferraria até o Itapiroca. Você chegará finalmente numa grande área de um pouco antes do cume rochoso, com espacampo, encimada pela elevação do Getúlio (a ço para não mais de três barracas, mas deve 1.500m), um local de parada para um lanche e de evitá-lo, para não erodir sua natureza já tão

reflexão sobre a trilha. A grande elevação à sua exposta. frente é o Caratuva, do qual falaremos a seguir. Cinco anos depois, o Parque que abriga o Continue pelo caminho sempre bem definido, até Marumbi foi ampliado de 2 mil para 9 mil ha. a bifurcação que indica o Caratuva à sua es- O Pico Paraná aloia-se num macico isolado da Diferentemente do Parque do Pico Paraná, ele guerda. Siga naturalmente em frente e passe por Serra de Ibitiraquire, sendo na realidade um está integrado a três outras unidades estadu- uma bica d'água, um dos muitos pontos de abas- dentre guatro formações conjuntas. Através ais, que somam 67 mil ha, Isto constitui uma das tecimento. O tempo normal é de 1½ hs até este da corcova baixa do União, você pode conhe-

> florestas que já conheci, a meu ver só comparável à da Bacia de Gelo do Pico da Neblina. Durante algo como 1 a 1½ hs, você mal pisará no chão, pois andará suspenso entre raizes, troncos e galhos para atravessar os cerca de 1 km do chamado Vale das Fadas (quem teria inventado esse nome infantil?). Trata-se de uma mata nebular de Existem travessias passando por montanhas grandes árvores escuras e retorcidas, num impressionante ambiente denso e escuro.

Paraná é um tanto restrita. Hoje o cume do Pico seu objetivo, emoldurado pelos seus últimos ga- e o Camacuam. Essas travessias são às velhos. Neste ponto, existe placa indicando a trilha zes comparadas à da Serra Fina na à direita para o Itapiroca e, novamente, uma fonte Mantiqueira, mas a conformação desta é dife-Têm sido também necessários mutirões para de água. Dagui para frente, você atravessará rente, com um longo espigão longitudinal, que campos recobertos por gramíneas e arbustos não existe em Ibitiraquire. baixos, sempre com a visão desafiadora do pico. Bem, agora você está finalmente no cume, onde Logo à frente, estará a primeira área para acam- existe livro, assim como nas outras duas monpamento (o Abrigo 1), com espaco para cinco tanhas de que falarei a seguir. O PP. como é lá barracas. Em princípio, você deve prosseguir, a chamado, é tido como o ponto culminante da menos que já esteja tarde ou o clima esteja ruim. Serra do Mar. Mas isto não é bem verdade, Se não for este o caso, prossiga agora num rumo pois o Morro do Tira Chapéu na Bocaina é cernorte por cerca de 1 h, sem maior dificuldade que ca de 200m mais alto. A Bocaina é uma corconão seja a passagem por um pequeno vale, até va por cima da Serra do Mar, entre Rio e São atingir a Casa de Pedra, também local para acam-Paulo. pamento (o Abrigo 2). Aqui você encontrará um A vista das alturas do PP é compensadora, pouco mais de espaço - e no verão água um alcançando em dias limpos até a Baía de

timento nesta região tão especial que, mais que inverno. Os paranaenses parecem ter o hábito pouco abaixo. Normalmente, este é o local prede caminhar seminus, é curioso encontrá-los de ferido para pousar, por já se encontrar próxicalção e camiseta no meio da neblina fria e úmida mo ao Pico. A Casa de Pedra é uma construção – parece que isto ajuda a fortalecer a sua deterinacabada, com material trazido lá de baixo, e que em si mesma não serve de local de acamlitros nenhuma construção

> Após uma curta aproximação, você terá agora de subir perto de 400m até o cume. Será uma escalaminhada diagonal pela parede do pico. xílio de escadas. Em mais 1 h, você terá chegado ao ponto culminante do Paraná, depois de 7 a 8 km de um caminho difícil, vencido em não menos de 6 horas. Você pode acampar

#### A Vista

cer o Ibirati, montanha gêmea do Paraná que é apenas um metro mais baixa – mas esta é um trecho pesado e perigoso, com locais expostos que lhe irão tomar 1 1/2 hs. Vale lembrar que o Pico Paraná é provavelmente a única montanha da região que é exclusivamente destino e não passagem - as demais podem fazer parte

como Ciririca, Cerro Verde e Luar, chegando ao Itapiroca, ou indo desde o Caratuva até o Mas, no fim da mata, você terá a primeira vista do Ferraria, ou ainda entre o Tucum, o Camapuam

o Ferraria até o Ciririca e Agudo da Cotia, Poucos locais de montanha podem dispor de tantas formações interessantes assim tão próximas. Por fim la vista alcança a cidade de Curitiba licuias. luzes a tornam especialmente visível à noite. A volta é naturalmente mais rápida, sem necessidade de acampar, podendo ser feita confortavelmente em 5 h, se não houver paradas. A menos que você decida aproveitar o embalo e visitar as outras duas montanhas no caminho, o que pare-

Antonina (dizem alguns, até Paranaguá) no sen

tido sudeste e a exuberante mata atlântica a no

roeste, com os morros de Rio Branco do Sul e o

conjunto dos picos Capivari. A oeste e leste, você

voltará a encontrar os picos precursores, desde

ce compensador, dada a distância que você já está da base, a presença de água próxima e a

Belas Pedras (XLVIII): O Caratuva Vou falar primeiro do Caratuva, pois é a mais importante das duas formações, com 1.850m. Como você já sabe, seu acesso é à esquerda do caminho ao Pico Paraná, logo antes da bica d'água. Você descerá pela mata, até cruzar um pequeno rio e começar então a subir.

Não será inicialmente uma subida fácil, pois o mato é fechado e interferente - e a trilha, diferentemente da seguida até agora, nem sempre será bem definida. Mas você entrará já perto do cume numa área arbustiva, que facilitará o seu avanço. Estes arbustos são na realidade bambus anões, chamados de caratuva e dão nome à montanha. Estimo que, desde a bifurcação, você subira 300m e andará por mais 1 a 11/2 hs (totalizando até 3 hs), para um total de 5 km desde a base lá em baixo.

No cume existem antenas de rádio amador, que tornam o Caratuva identificável de longe. Você pode acampar no cume ou logo abaixo. O mais interessante detalhe da sua visão de cima são as escarpas do Pico Paraná. A seu lado está o Taipabucu, montanha mais baixa que pode ser percorrida em travessia, caso você deseje chegar até o mais distante Ferraria, importante montanha a oeste. Mas também do Caratuva o litoral pode ser avistado, bem como o Marumbi e o restante da Serra de Ibitiraquire.

# Belas Pedras (XLIX): O Itapiroca

A outra formação é o Itapiroca (1.805m), para o qual você terá de atravessar a mata nebular do Vale das Fadas. Se esta travessia é trabalhosa, por outro lado o acesso à montanha é bem simples. Basta sair à direita na bifurcação - ou à esquerda, se estiver retornando do Pico Paraná. Siga então por menos de 1/2 h por terreno de campo até subir cerca de 250m e chegar ao cume. Desde a base, calculo algo menos do que 6 km, para 3 ½ hs de percurso.

Após atingir um primeiro topo, você terá de prosseguir brevemente, até alcancar o segundo e verdadeiro cume. Se guiser acampar, figue mais embaixo, num local protegido. De novo, sua mais interesante vista será do macico do Pico Paraná. com suas maiestosas paredes estriadas. Na direção oposta, sua vista alcançará o litoral e até mesmo Curitiba. Nos dois lados, a muralha de Ibitiraquire.

O Itapiroca integra uma longa travessia, que passa pelo Tucum e chega ao Ciririca no extremo leste - importante montanha com um desenho sugestivo e uma poderosa vista das muitas formações da serra. Através do Cerro Verde, avança no sentido do Itapiroca, até chegar à base lá embaixo, talvez 4 ou 5 dias depois. Este é apenas um dos exemplos dos percursos que podem ser feitos no Parque Se a volta do Caratuva é um tanto dificultada nela

mata na sua base, a do Itaniroca exigirá que você volte a atravessar o Vale das Fadas. Depois. você encontrará a longa descida até a fazenda lá em baixo, com eventuais vistas da superfície espelhada da represa do Capivari



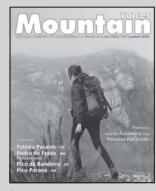
16 montanhismo 17

# Assine Mountain Voic∈s e ajude na divulgação de seu esporte

Mountain Voices é um informativo bimestral de circulação dirigida ao excursionismo brasileiro e patrocinado pelos anunciantes. Seu objetivo é fomentar a pratica deste esporte no Brasil, em suas várias modalidades: montanhismo, escalada e espeleologia. Reprodução somente com autorização dos autores, e desde que citada a fonte. Não temos matérias pagas. Frizamos que o excursionismo expõe o praticante a riscos, inclusive de morte, que este assume deliberadamente. O uso de equipamento de segurança, bem como o acompanhamento de quia especializado, se faz necessário, porém não elimina totalmente o risco de acidentes.

### Editor: Eliseu Frechou.

Contatos: Cx.Postal 28, São Bento do Sapucaí, SP, cep 12490-000. E-mail: mv@mountainvoices.com.br. Web site: www.mountainvoices.com.br. Agradecemos a todos os colaboradores deste número: patrocinadores, assinantes, e todas as pessoas que nos escreveram enviando artigos, criticas e apoio.



Capa: Marina Marcondes rumo ao Pico da Bandeira - ES Foto: Eliseu Frechou

Para fazer sua assinatura, renovação, envie este formulário junto com cheque cruzado e nominal à Eliseu Frechou, Cx.Postal 28 - CEP 12490-000 - São Bento do Sapucaí-SP. Preços válidos até 30/11/2012.

rieços validos ate 30/11/2012.	
Nome	
Endereço	
CidadeEstado	
CEPTelefone.()	
E-mail	
IdadeProfissão	
Como conheceu Mountain Voices?	
( ) Assinatura Mountain Voices - R\$ 25,00 ( ) Renovação assinatura - R\$ 20,00 ( ) Assinatura 2 anos - R\$ 40,00 ( ) Número atrasado do Mountain Voices - R\$ 5,00 / exemplar ( ) Livro Com Unhas e Dentes - Sérgio Beck - R\$ 30,00 ( ) Manual de Escaladas da Pedra do Baú e Região - R\$ 20,00 ( ) Manual de Escaladas de Itatiaia e Região - R\$ 20,00 ( ) Manual de Escaladas da Serra do Cipó, Lapinha e Rod - R\$ 20,00 ( ) DVD Terra de Gigantes - R\$ 25,00 ( ) DVD Lobotomia 2 Pedra do Baú e Região - R\$ 25,00 ( ) DVD Lobotomia 3 do PE ao RS - R\$ 25,00 ( ) Disco HD Dias de Tempestade - R\$ 25,00	
( ) DVD Karma - R\$ 25,00 Total,00	

# Vídeos de Escalada Mountain Voices

Digitalizados no formato DVD. Tiragem limitada para colecionadores. Compre nas lojas de montanha ou pelo site www.mountainvoices.com.br

# LANÇAMENTO!



KARMA



TERRA DE GIGANTES



LOBOTOMIA 2 Baú e Região



LOBOTOMIA 3 De PE ao RS



DIAS DE TEMPESTADE mp4 e wmv



Manuais de Escalada e Montanhismo

Pedra do Baú Itatiaia 💩 Serra do Cipó



Visite nossa loja virtual e descubra o que os montanhistas de todo Brasil já sabem!

equinox.com.br



